

---

## A transmissão da língua na família e nas classes

Celso Alvarez Cáccamo  
22 de Março de 2004

Se, como se descreveu num texto anterior ( "['Osrose' e redes sociais na transmissão da língua': O papel dos locais sociais](#)" ) a língua é um recurso (cultural, simbólico, material) que se transmite e circula por redes sociais, a pergunta básica é como abordarmos a sua transmissão nas redes centrais na organização do corpo social: a família. A família é a estrutura que reproduz (em vários sentidos da palavra) a hierarquia. As sequelas da família como experiência duram toda a vida, até gerações: arrastamos os cadáveres familiares como os povos arrastam a sua história. Nações inteiras arrastam o seu cadáver, até que o fedor pesa de mais e uns iluminados cortam o saco vitelino dos mortos e nasce algo novo. Quisera poder dizer que a transmissão da língua galega portuguesa que no nosso país está a perder o apelido é algo crucial para a emancipação social. Mas provavelmente não o seja. A transmissão intergeracional da língua, e a sua necessária revolução formal, são simplesmente sintomas de resistência. Quando um colectivo é incapaz de levar adiante o seu ideal, algo substancial fracassa. Não é obrigatório que essa utopia seja assumida por todos ao começo: pode-se construir nação dentro da *nación*, língua dentro da *lengua* e da *lingua*, e resistir confiando que os cépticos que ficaram fora escolham esta opção como a menos má para a sua pervivência. Mas, como fazer isto, desde que âmbitos, com que tácticas sociais, com que discursos? Eis a múltipla pergunta que nenhum activismo linguístico da Galiza aborda na altura, provavelmente porque não sabe como.

Ignoro muito sobre a estrutura social da Galiza e sobre a própria estrutura da família como para oferecer, até para mim próprio, qualquer dica plausível sobre essas perguntas. Mas alguns fáceis razoamentos sobre as relações entre língua e sociedade, e algumas fáceis metáforas, podem ajudar a compreender a situação.

Nas sociedades de classes, a língua é sempre um instrumento para o que se deu em chamar "avanço social". O "avanço social" consiste simplesmente na *mobilidade social ascendente*, que se dá quando, na hierárquica geometria da sociedade, um próprio ou, sobretudo, os seus filhos, chegam a alcançar uma situação "mais alta" em termos de recursos económicos, capacidade aquisitiva, reconhecimento social e símbolos de estátus. Estes recursos (dinheiro e símbolos) são de distinta natureza e circulam de maneiras distintas, mas no *circuito de mercado* -explica Pierre Bourdieu- são até certo ponto formas intercambiáveis de *capital*: eu exhibo língua (uma língua dada), e obtenho posição social. Como, exactamente? Uma via é através do *valor de troco* específico da Língua (reflectido, por exemplo, em títulos académicos de valor estandardizado) em certos âmbitos ocupacionais (ensino, burocracia, serviços de tradução, "indústrias da língua", etc.). Outra via muito importante é através do *reconhecimento* dos outros, *em redes específicas*, da minha exibição de Língua como símbolo legítimo, e, portanto, através da abertura de possibilidades de trabalho, casamentos "ascendentes", etc.

É lugar comum dizer que, na Galiza, a aculturação e assimilação à língua espanhola (que chamarei *La Lengua* para não confundir-nos) têm funcionado segundo esta lógica desde, polo menos, começos do século XIX: a perda de falantes de galego explica-se comumente como um processo polo qual *La Lengua* foi "descendo" desde as capas altas (burguesia - classes meias - classes trabalhadoras), que tentavam emular e aproximar-se das superiores. Mas esta explicação não pode dar conta de tudo do que está a acontecer. Como pode "baixar" socialmente uma língua desenhada para subir? Acho que algo falha ou algo falhou ao longo do processo, e tentarei expor por quê.

Distingamos, em primeiro lugar, os âmbitos rural e urbano. No âmbito rural, relativamente imóvel e estável

durante séculos em termos de sistemas ocupacionais e de relações entre as estruturas sociais básicas (família e paróquia), o uso do galego era exclusivo ou muito dominante nas *redes* sociais *densas* (muitas pessoas interligadas por contactos frequentes), *fechadas* (sem novas incorporações habituais à rede) e *multiplex* (ligações estabelecidas em função de múltiplos tipos de relação social). Assim, o indivíduo A relacionava-se com B em galego porque eram simultaneamente membros da mesma família, do mesmo grupo de trabalho na exploração rural, da mesma paróquia. As fortes funções relacionais da língua no seio da família transferiam-se assim às redes do trabalho ou da paróquia. O objectivo do ascenso social limitava-se a melhorar as condições económicas de geração em geração, a enviar algum filho ao exército ou ao sacerdócio, ou a emigrar. Mas não havia verdadeiramente muitas expectativas de "avanço social" a meio de uma *Lengua* espanhola que era materialmente estrangeira e, além de uns poucos usos rituais, materialmente desconhecida.

Com a urbanização (desruralização), porém, vão-se modificar substancialmente as funções relacionais do galego e da *Lengua* espanhola. Na cidade interage-se sobretudo em redes *abertas pouco densas* (contactos mais ocasionais) e *simplex* (relacionamo-nos com alguém em função de apenas um tipo de papel social: amigo/a-amigo/a, empregado/a-chefe/a, etc.). E a língua neutra por excelência para estas redes urbanas é o espanhol. A emigração à cidade significa a possibilidade de "avanço social". E para avançar não só há que falar espanhol, mas, sobretudo, *há que falar espanhol aos filhos*, na esperança, tipicamente, de que os varões consigam um trabalho melhor e de que as mulheres "casem bem" (em inglês diz-se "casar para acima", *to marry up*), quer dizer, casem com um membro dum estrato superior que já fala espanhol (é reconhecido o papel mais avançado das mulheres na mudança sociolinguística, até para -evidentemente- a assimilação à língua dominante). Portanto, para estes propósitos, no novo âmbito urbano pode-se manter em galego a comunicação "horizontal" entre pai e mãe, mas a comunicação "vertical" entre pais e filhos deve ser em espanhol para estes adquirirem os recursos dos quais os primeiros carecem.

Ora bem, se este mecanismo de ascenso e selecção social funcionasse na Galiza (se *La Lengua* tivesse sido e fosse um instrumento para o "avanço social" ascendente), realmente não se estaria a dar a situação actual, com tal penetração maciça do espanhol nos estratos baixos. É paradoxal que uma língua dominante "baixe" quando a sua função social é facilitar que a gente "suba". Tentarei de expor uma explicação possível a este aparente paradoxo.

Numa sociedade galega com mobilidade social real, idealmente, se a maior parte dum estrato ou classe galego-falante inicial educasse os seus filhos em espanhol para emular as classes urbanas superiores e para permitir os seus filhos se relacionarem em (fictícia) igualdade com elas, é de imaginar que muitos destes filhos ascenderiam socialmente: obteriam trabalhos melhores, ou "casariam bem". Agora as classes meias, já espanhol-falantes, seriam algo mais largas. Mas como a mobilidade social continua "para acima", os estratos superiores das classes meias espanhol-falantes também ascenderiam. Quanto mais arriba, mais acumulação de capital (de vários tipos) se dá, mas não mais *Lengua*. Assim, o resultado da função mobilizadora ascendente do espanhol poderia ser uma ligeira ampliação das capas meias espanhol-falantes, mas não uma acentuada penetração da *Lengua* para "abaixo", pois o grosso dos falantes desta língua (*La Lengua*) estariam de cada vez mais "arriba".

Continuando com a idealização, uma minoria das classes trabalhadoras assimiladas ao espanhol não ascenderiam, claro, e manteriam o estatus dos seus pais, mas falariam já espanhol. Mas o influxo galego-falante do campo à cidade deveria manter em proporções mais ou menos constantes a distribuição das línguas no seio destas classes trabalhadores: majoritariamente galego-falantes. (Além, não todo mundo se assimila: continuaria e continua a haver galego-falantes que transmitem o galego na família). Porém, evidentemente a distribuição estável por classes não é o caso actual: não há nem *manutenção* da língua nas classes trabalhadoras, mas perda gradual. No âmbito urbano, o uso do galego com os filhos é terrivelmente minoritário *em todas as classes sociais*. Mesmo entre os pais, as cifras de galego-falantes são muito baixas.

Portanto, por que não se dá a situação típica de função da *Lengua* para o ascenso social? Será porque as classes meias assimiladas e já espanhol-falantes "descem" de estatus de geração em geração? Ou será, antes, porque, apesar da tentativa de ascenso através do idioma, as classes originariamente galego-falantes que se assimilam *simplesmente não ascendem*? Os pais educam os seus filhos em espanhol para lhes fazer a vida

social mais fácil. Mesmo quando a língua da casa é o galego-português, a vida na escola, claro, faz com que os meninos adquiram o espanhol como língua de relação com seu grupo geracional. Mas os filhos, relativamente falando, afinal *não ascendem socialmente*. Alguns poderão ter, em termos absolutos, mais recursos e uma vida mais cómoda do que os pais. Mas, como grupo, vão ocupar *o mesmo lugar social subalterno* relativo e *ocupações comparáveis* às das gerações passadas. Não "baixa" o espanhol não: deixam de "subir" os novos espanhol-falantes! *La Lengua* prometida oferece-nos um famoso provérbio que resume cruamente esta situação: *Aunque la mona se vista de seda, mona se queda*. Esta miragem de falso ascenso social através do idioma reproduz-se em todos os níveis. E os poucos galego-falantes que ainda mantendo o idioma ascendem, não fazem massa suficiente como para se constituir em pontos de referência social para a emulação de condutas por parte dos que permanecem em estratos inferiores: a experiência dos galegófonos "com sucesso" também é *excepcional*, não paradigmática dum processo social.

Portanto, a causa primeira da perda acelerada do idioma na Galiza não é o próprio mecanismo nocivo e universal de selecção social a meio do idioma: é a *falta de mobilidade social real*, de dinamismo económico (e disto há dados macro-económicos evidentes), até dentro da lógica capitalista. A lógica capitalista na Galiza leva décadas, se não um par de séculos, a jogar com o famoso fraude comercial da "pirâmide" a grande escala: oferece socialmente investir em *Lengua* prometendo o ascenso, mas os que ascendem já tinham *Lengua* e posição alta de antemão.

Em contraste, em qualquer sociedade verdadeiramente "de mercado" onde existe dinamismo, grupos sociais definidos e coeridos por cultura, origem e/ou língua podem chegar a construir o que se chamam *sistemas ocupacionais* próprios: redes económicas, comerciais, empresariais levadas por membros do grupo, com reprodução da divisão vertical do trabalho, com elites ou proto-elites, com hierarquias sociais internas (como de facto ainda se dá no âmbito rural), com alianças comprometidas entre elas, e portanto com potenciais económicos que se estendem além das fronteiras da "minoría". São estes grupos que podem ameaçar as "essências nacionais" dominantes, porque os estratos inferiores não precisam emular as condutas das elites da cultura hegemónica: já têm as próprias. Em certas zonas dos Estados Unidos, por exemplo, a língua espanhola chegou nos últimos anos a constituir-se em "ameaça" para a anglofonia dominante (até o ponto de se promulgarem leis restritivas tipo *English Only*) só quando os hispanos imigrantes e filhos de imigrantes (e descendentes de populações hispano-mexicanas originárias antes da anexação pelos EUA) chegaram a constituir, com os instrumentos da sociedade de mercado, sistemas ocupacionais próprios coeridos pela origem, cultura e língua comuns. Não me refiro ao caso (também excepcional) do Miami dos cubanos exilados ou auto-exilados, mas ao de cidades como San Antonio, em Texas. Por contra, mencione-se na Galiza algum sector económico (além da indústria editorial e editorial) onde a língua de relação seja o galego-português, onde trabalhem majoritariamente galego-falantes, onde se dê "lealdade" em termos de alianças económicas endógenas, e onde tanto a força de trabalho como a do capital falem em galego e falem aos seus filhos em galego. Mencione-se algum fragmento de cidade galega onde se poda dizer que, económica e socialmente, isso é a Galiza, não Espanha. Compostela, tal vez? E essa é Galiza, ou "Galicia"?

Em resumo, sem sistemas ocupacionais próprios galegófonos, lusófonos, onde as gentes trabalhem, sejam contratadas e se relacionem em função de relações próximas, familiares, de vizinhança, etc., e que funcionem com capital "galego" e identificação "galega", as poucas experiências das empresas "galeguistas" (as que se apresentam "graficamente" como tais) ficarão em ilhas folclóricas que emitem as facturas em dialecto, sim, mas nas quais a língua que continuará a ser um vínculo e um recurso é *La Lengua*. E *essa* é na prática a língua nacional (*la lengua nacional*, evidentemente), não o totem idealizado e ideologizado do Galego.

Qual a tarefa, então? A tarefa é expandir essas redes urbanas de classes meias (comerciais, pequeno-burguesas) lusófonas, quer dizer, abrir uma cunha social ascendente que, como a famosa faixa central da "língua sande" que é o catalão (comprimido tradicionalmente entre duas talhadas de pão espanhol: uma, a alta burguesia e aristocracia urbanas hispanófilas, e outra as classes trabalhadoras imigrantes), sirva de ponto de referência para o avanço social. Não são as Zaras as que fazem país, mesmo se fossem galego-falantes: é o famoso *tecido social e económico* urbano. Estamos (se estamos!) polo menos vinte anos por detrás de países como Catalunha nesta tarefa. E é duvidoso que a Galiza poda fazê-lo com a força económica própria, sem relacionamento efectivo transfronteiriço com as redes económicas lusófonas onde a língua (quer dizer, agora

sim *A Língua*) sim que funciona -dentro da aborrecível lógica que faz as nações- como instrumento para o "avanço social": Portugal.

Em definitivo, é o âmbito da família, como principal canal de transmissão intergeracional da língua, que o activismo linguístico lusófono deve abordar com uma seriedade que até agora está ausente. Mas tentei dizer que a "família" é sobretudo um agregado primitivo de corpos cinzelados para o trabalho assalariado: uma fábrica que fabrica operários a base de Cola-Cao. E a "família" falará a Língua que lhe prometa, eleitoralmente (nacionalmente), o pão para os filhos.

---

*Última alteração: 22-03-2004*

[ [<<](#) ] [ [Acima | Up](#) ] [ [>>](#) ]